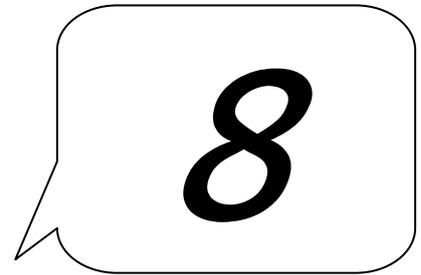
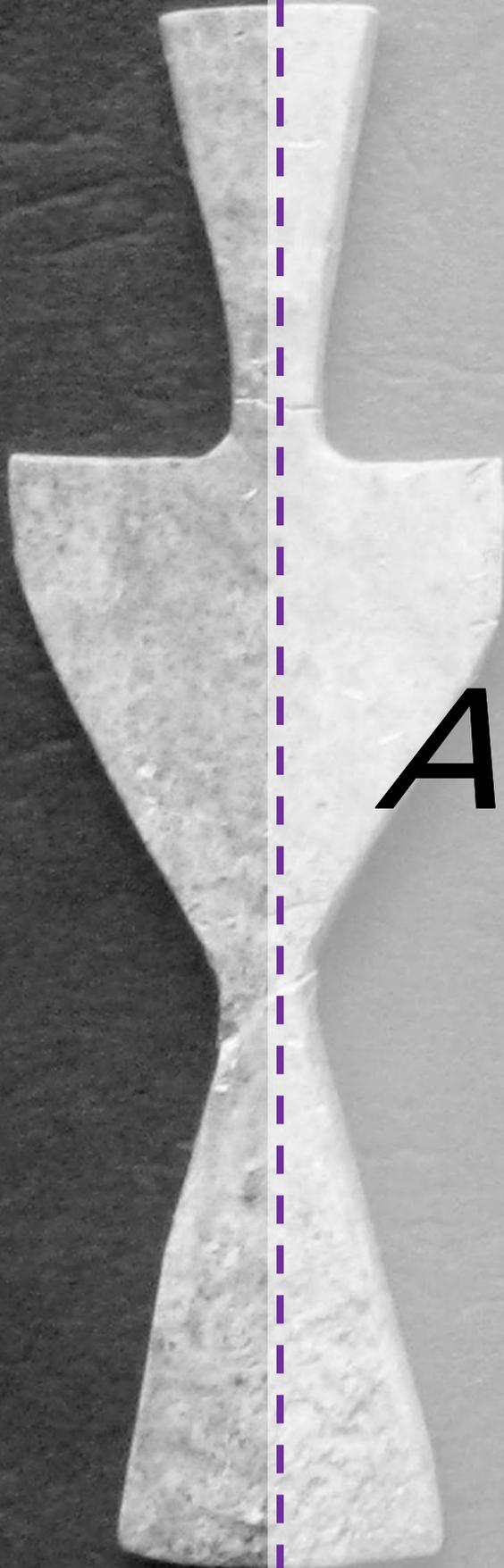


NIÀ

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA



APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

OUT 2012

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Outubro de 2012**

Capa: “Ídolo Almeriense” proveniente dos Perdigões.
(António Valera)

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Os originais deverão ter um máximo de dez páginas A4, dactilografadas a um espaço (letra Arial, tamanho 10), incluindo referências bibliográficas. Imagens são entregues à parte, juntamente com resumo em inglês (ou português se a língua do texto for outra – inglês, francês ou castelhano).

Revista online.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.



ÍNDICE

EDITORIAL 05

Helmut Becker e António Carlos Valera
LUZ 20 (MOURÃO, ÉVORA): RESULTADOS
PRELIMINARES DA PROSPEÇÃO GEOFÍSICA
(MAGNETOMETRIA DE CÉSIO) 07

Helmut Becker, António Carlos Valera e Patrícia Castanheira
MONTE DO OLIVAL 1 (FERREIRA DO ALENTEJO, BEJA):
MAGNETOMETRIA DE CÉSIO NUM RECINTO DE FOSSOS
DO 3º MILÉNIO AC. 11

António Carlos Valera
“ÍDOLOS ALMERIENSES” PROVENIENTES DE
CONTEXTOS NEOLÍTICOS DO COMPLEXO
DE RECINTOS DOS PERDIGÕES. 19

António Carlos Valera e Victor Filipe
A NECRÓPOLE DE HIPOGEUS DO NEOLÍTICO FINAL
DO OUTEIRO ALTO 2 (BRINCHES, SERPA) 29

Cláudia Costa e Nelson Cabaço
ASSOCIAÇÃO DE RESTOS DE ANIMAIS VERTEBRADOS
A CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA PRÉ-HISTÓRIA
RECENTE: O CASO DO OUTEIRO ALTO 2. 43

Cláudia Cunha
CARACTERIZAÇÃO DA MORFOLOGIA DENTÁRIA NO
MÉDIO GUADIANA NO NEOLÍTICO FINAL-CALCOLÍTICO.
FUNDAMENTAÇÃO PARA O MAPEAMENTO MORFOLÓGICO
DAS POPULAÇÕES LOCAIS NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE 49

Tiago do Pereiro e Nuno André Coelho Gomes
NOTÍCIA PRELIMINAR SOBRE A DESCOBERTA
DE ARTE RUPESTRE NO VALE DAS BURACAS
(CASMILO, COIMBRA) 57

Rui Ramos e Inês Simão
EIRA VELHA: UMA ESTAÇÃO VIÁRIA ROMANA
NA PERIFERIA DE *CONIMBRIGA* 63



EDITORIAL

Vinte meses depois do último volume (interregno grande para os objetivos que nortearam o aparecimento da revista), a *Apontamentos de Arqueologia e Património* vê editar um novo volume, o oitavo em cinco anos.

Num momento de grandes dificuldades, como é aquele que (quase) todos vivemos, é difícil perceber se a perseverança reflete simplesmente a inconsciência ou a recusa psicológica de um fim inexorável, qual *Crepúsculo dos Deuses*, ou se, pelo contrário, é ainda condição de sobrevivência de um caminho iniciado com objetivos bem definidos.

A consciência do dilema, porém, dota as nossas práticas de intenção. Confere-lhes, de facto, um estatuto de opção e, sobretudo, demonstra o valor que lhes atribuímos, pois as mantemos em tempos de adversidade.

A continuidade da *Apontamentos* reflete, pois, uma postura face ao que é, efetivamente, a razão de ser da Arqueologia: a produção e partilha de conhecimento. Na medida das nossas possibilidades, que terão sempre um contexto, continuaremos a publicar e a proporcionar condições de publicação.

António Carlos Valera

A NECRÓPOLE DE HIPOGEUS DO NEOLÍTICO FINAL DO OUTEIRO ALTO 2 (BRINCHES, SERPA).*

António Carlos Valera
Víctor Filipe

Resumo

A necrópole neolítica do Outeiro Alto 2 é constituída por três hipogeus e uma fossa funerária, as quais envolvem um conjunto estruturado de fossas que são interpretadas como possíveis infraestruturas de um recinto tipo *círculo de madeira* e eventualmente de ortóstatos. O sítio situa-se num pequeno outeiro, inaugurando uma ocupação de forte carga simbólica que se prolonga no tempo através da construção de um recinto definido por um fosso no Calcolítico e de uma necrópole de hipogeus da Idade do Bronze. Este contexto é discutido no âmbito da recente proliferação de contextos funerários em estruturas negativas no interior alentejano.

Abstract:

The Late Neolithic hypogea necropolis of Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa)

The Neolithic necropolis of Outeiro Alto 2 corresponds to three hypogea and a funerary pit, surrounding a structured group of pits interpreted as the foundations of a timber circle, possibly associated with stone monoliths. The site is located in a small hill and starts an occupation of a symbolic place that was prolonged in time by the construction of a Chalcolithic ditched enclosure and a hypogea necropolis from Bronze Age. The Neolithic necropolis is discussed in the context of the recent proliferation of funerary contexts in negative structures in Alentejo's hinterland.

1. Introdução

Localizado na freguesia de Brinches, concelho de Serpa, distrito de Beja, o sítio do Outeiro Alto 2 foi intervencionado pela Era Arqueologia S.A. no âmbito do Bloco de Rega de Brinches, empreendimento da EDIA, S.A. O sítio foi já dado a conhecer num primeiro texto de divulgação de resultados preliminares (Valera e Filipe, 2010), no qual era apresentado como poli-nuclear, composto por quatro áreas bem separadas entre si e que revelavam um extensa diacronia entre o Neolítico Final e o Bronze Pleno (uma dessas áreas havia sido referenciada no âmbito dos trabalhos da EDIA com uma designação própria – Gato de Cima 3 – mas foi por nós considerada como uma parte integrante do sítio do Outeiro Alto 2: o núcleo D).

O sítio situa-se no topo de um cabeço alongado (com uma cota em torno aos 187 m), de topo aplanado, com uma orientação NO-SE, ligando-se a Norte a um pequeno planalto através de um estreito “ístmio”. A Este o cabeço é delimitado por um ribeiro que drena para o Barranco da Grafanes, afluente da margem Norte da Ribeira do Enxoé; a Sul a vertente é cortada por duas linhas de água igualmente subsidiárias do Grafanes; a Oeste e a Norte outras linhas nascem, estas pertencentes à rede de drenagem do Barranco das Várzeas, afluente directo do Guadiana, que corre cerca de 6,5 km a Oeste do sítio.

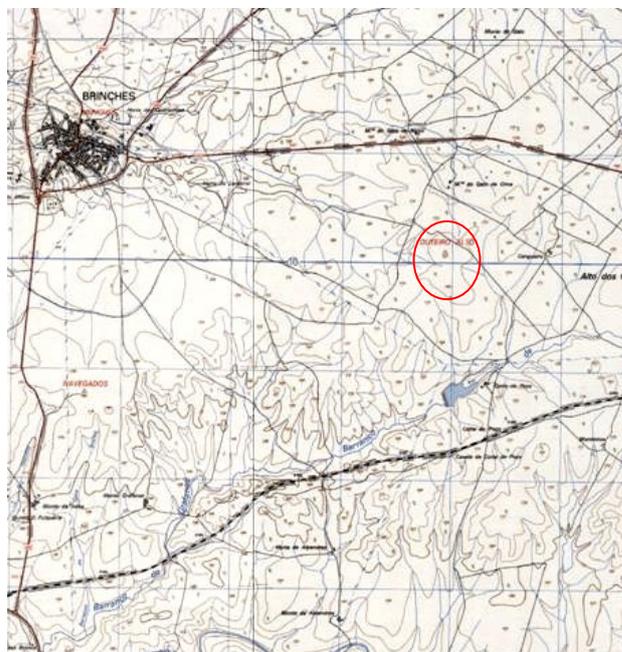


Figura 1 – Localização do Outeiro Alto 2 na Carta Militar de Portugal, 1:25000, fls. 511,512, 522 e 523. .

* Projecto PTDC/HIS-ARQ/114077/2009 “Práticas funerárias da Pré-História Recente no Baixo Alentejo e retorno sócio-económico de programas de salvamento patrimonial”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo programa COMPETE, participado pelo FEDER.

Para além de algumas estruturas isoladas, foram definidos quatro núcleos de estruturas negativas (Valera e Filipe, 2010): o núcleo A, localizado na extremidade SE do outeiro e que corresponde à presença de um recinto calcolítico definido por um fosso sinuoso e um conjunto de fossas neolíticas e calcolíticas; o núcleo B, localizado na extremidade NO e que agrupa algumas fossas neolíticas com hipogeus e fossas (?) funerárias da Idade do Bronze (e que já teve uma publicação específica – Filipe *et al*, *no prelo*); o núcleo D, mais a Nordeste, já plenamente integrado na superfície aplanada que se estende para Norte e onde ocorrem igualmente hipogeus e fossas funerárias da Idade do Bronze; o núcleo C junto ao “fistemo” de ligação do outeiro a essa superfície aplanada, com fossas e hipogeus do Neolítico Final. É precisamente sobre este núcleo que o presente texto se debruça.

2. O Núcleo C

As estruturas funerárias neolíticas localizam-se, em função dos dados disponíveis, apenas no Núcleo C. Contudo, há que ter em atenção que nos núcleos B e A também existem contextos deste período e que no Núcleo A (o que engloba um número significativo de fossas e um recinto de fossos) apenas uma parte das estruturas registadas foi escavada.

O Núcleo C é composto por 34 fossas sem enterramentos, 1 fossa com um enterramento e 3 hipogeus com deposições coletivas, contextos que no seu conjunto apresentam uma distribuição intrigante (Figura 2). As fossas apresentam-se muito concentradas e, com exceção de duas um pouco mais isoladas, ocupam um espaço genericamente circular com um diâmetro de cerca de 14 metros, verificando-se que os três hipogeus e a fossa com enterramento se encontram na periferia dessa concentração.

A densidade é tal, que o espaço entre fossas é extremamente reduzido, sendo de destacar, como aspeto significativo, o facto de praticamente não existirem sobreposições (apenas um caso, mas que se trata de uma fossa fortemente afetada por um buraco de raiz de árvore). Esta circunstância é relevante, pois nas situações conhecidas de grande densidade e concentração de fossas é frequente existirem estruturas que se cortam e se sobrepõem a outras. Não é o caso neste espaço. A ausência de relações físicas diretas entre a totalidade das estruturas, associada ao facto de as fossas não funerárias estarem colmatadas apenas com um ou dois depósitos e raramente conterem materiais arqueológicos (que quando estão presentes são raros e cronologicamente pouco significativos – alguns bojos de cerâmica manual e alguns restos líticos inclassificáveis) impede uma seriação diacrónica. Porém, a imagem proporcionada pela distribuição espacial (relembre-se: concentração genericamente circular, situação periférica dos contextos funerários; grande densidade central de fossas sem que existam sobreposições) sugere uma organização espacial que traduz intenção. Mais do que uma situação caótica de estruturas sucessivas, esta espacialidade sugere uma composição não aleatória e, sobretudo, uma construção de um espaço significativo através de estruturas de alguma forma relacionadas entre si.

Fossas e hipogeus poderão, no seu conjunto, articular-se através de um conjunto de práticas relacionadas com a gestão da morte. Mas esta questão voltar-se-á adiante. Para já, centremo-nos nos contextos com restos osteológicos.

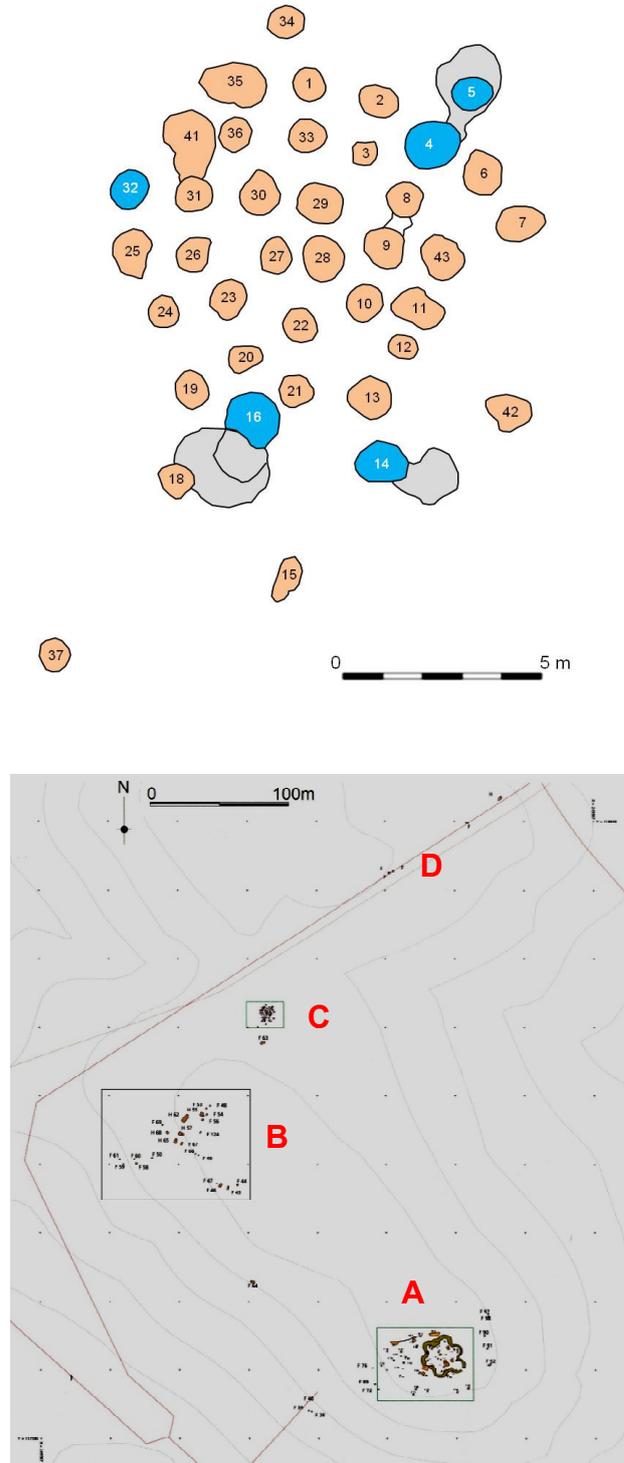


Figura 2 – Planta da concentração de fossas e estruturas funerárias do Núcleo C e sua localização no conjunto poli nuclear do Outeiro Alto 2.

3. Os hipogeus

No que respeita à arquitetura, nos três casos registados tratam-se de hipogeus compostos por criptas funerárias subterrâneas às quais se acedia através de passagens realizadas a partir de poços laterais verticais. As passagens entre os poços de acesso e as criptas, sempre muito estreitas, estavam encerradas por lajes de pedra, calçadas com pedras mais pequenas e com os interstícios vedados com a colocação de argila.

O Hipogeu 4/5 apresentava uma câmara de planta subcircular com um diâmetro máximo (Dm) de 1,90m e uma altura de 1,14, na qual existia uma abertura no teto de tipo “coelheira” (não há qualquer evidência de abatimento do teto). É difícil afirmar se esta abertura existia desde o início ou não, mas o mais provável é ter sido realizada num momento em que a sedimentação no interior da câmara já inviabilizava o acesso pelo poço lateral, tendo-se aberto esta entrada superior para continuar a ter acesso à cripta (não necessariamente para novas deposições), a qual viria a ser também encerrada, como adiante se discutirá. O facto de esta abertura se apresentar descentrada relativamente à câmara sugere, igualmente, a sua posterioridade construtiva. Note-se, ainda, que o outro hipogeu com teto conservado não apresentava esta particularidade, assim como os sepulcros preservados da Sobreira de Cima, com os quais estas estruturas do Outeiro Alto têm evidentes afinidades.

A entrada original seria, assim, realizada através de um poço lateral de acesso, com uma planta subcircular, com Dm de 1,44 e profundidade preservada de 1,12. Este poço conectava com a câmara através de um curto e estreito corredor, de 0,72m de comprimento e 0,54 de altura, que se desenvolvia em cotovelo.

Quanto à estratigrafia, verificava-se que a entrada do corredor se encontrava encerrada do lado do poço de acesso (lajes, pedras de calço e argila vedante), sendo o poço igualmente encerrado através da sua colmatação com dois depósitos fortemente argilosos e com inclusões de caliços, nos quais se registaram alguns (muito escassos) pequenos fragmentos de cerâmica manual (entre eles um bordo de hemisférico).

A câmara apresentava na extremidade oposta à entrada um ossário (possivelmente resultado de acumulações de deposições anteriores para libertação de espaço para novas deposições), no qual se registaram 6 geométricos em sílex, um fragmento de pulseira de *Glycimeris glycimeris* e algumas restos de talhe em quartzo, quartzito e sílex. Sob o ossário, surgiam alguns restos humanos em conexão anatómica sem materiais associados (braço direito; possível antebraço esquerdo e conjunto de costelas). Entre este ossário e a entrada estava o que terá sido a última deposição realizada a partir do corredor de acesso: um adulto em conexão anatómica, em posição fetal, com a zona da cabeça orientada a Sul, para a entrada. A particularidade interessante era o facto de não ter crânio, não existindo razões de natureza tafonómica que expliquem esta ausência.

Estes restos eram cobertos por um depósito que se estendia também pela zona do estreito corredor, no qual se recolheram alguns ossos humanos dispersos, sobreposto por um outro, igualmente com ossos humanos muito fragmentados e dispersos (onde se registou metade de uma lâmina de sílex e alguns bojos de cerâmica). Este depósito era selado por um nível de pedras pequenas (integrando um percutor) coberto, já na zona da abertura no teto, por outro depósito argiloso (apenas com um bojo de cerâmica manual), numa sequência que sugere um encerramento intencional deste acesso.

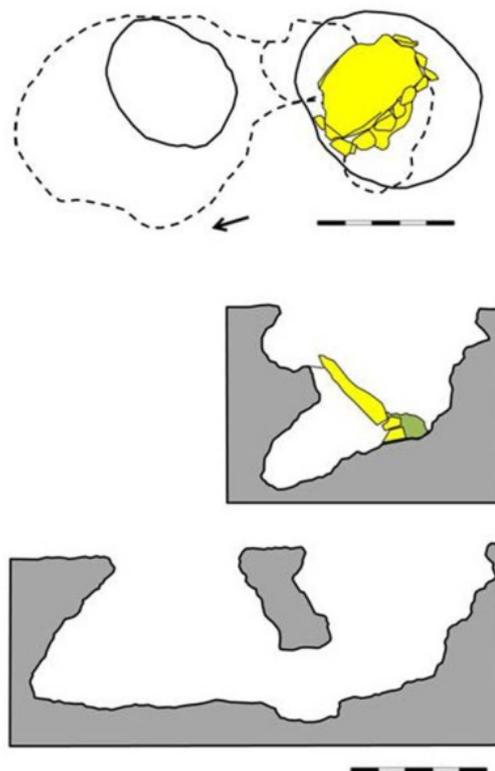


Figura 3 – Hipogeu 4/5. Planta e perfis. Amarelo: pedras de encerramento da entrada; verde: argilas de selagem. Esc:1m.



Figura 4 – Materiais do hipogeu 4/5. Esc: 5 cm.

Quanto ao Hipogeu 14, revela um poço de acesso lateral com um Dm de 1,30m e uma profundidade conservada de 0,60m. A Este localiza-se a entrada para a cripta funerária, correspondendo a uma estreita passagem com 0,70m de largura por 0,30m de altura. Esta passagem encontrava-se selada por pedras de granito de grande dimensão, verticalizadas (uma era um dormente colocado com a face de utilização para dentro), calçadas por calhaus de calcário e com os interstícios selados com argila. Sob esta estrutura de encerramento, na base do poço, existia um fino depósito, que se prolongava pela entrada da câmara. O poço apresentava-se colmatado por um sedimento argiloso, com abundantes nódulos de caliço, que revelou ser arqueologicamente estéril.

A câmara apresentava uma planta irregular, tendencialmente circular, com um Dm de 1,40 e uma altura máxima de 0,40m. Tratava-se, de facto, de um espaço de dimensões muito reduzidas e com um acesso muito dificultado pela exiguidade da passagem entre o poço e a cripta. Esta encontrava-se preenchida integralmente por um depósito que cobria os restos osteológicos, que correspondiam a um ossário (com um NMI de 3), restos de dois indivíduos em conexão e um indivíduo completo em posição fetal, sobre o lado direito, cabeça virada a Este e de costas para a entrada. No ossário recolheram-se dois trapézios em sílex e, à esquerda da entrada, uma enxó (com ocre num dos flancos) e um machado. Tal como no Hipogeu 4/5, por trás da estrutura de encerramento havia sido depositada uma lamela grande.

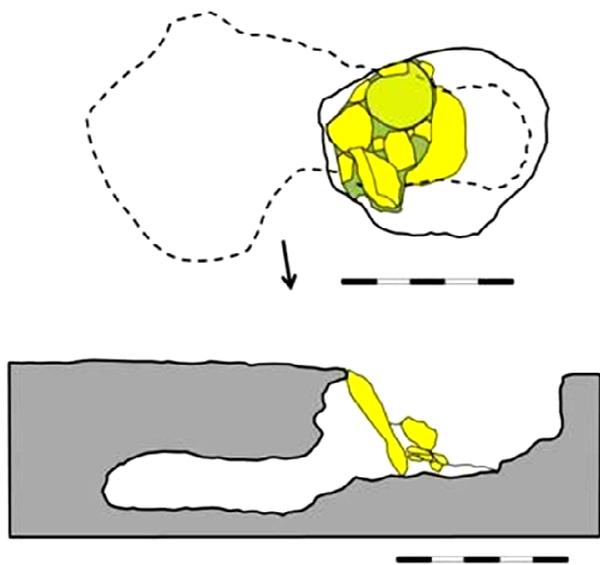


Figura 5 – Hipogeu 14. Planta e perfil. Amarelo: pedras de encerramento da entrada; verde: argilas de selagem. Esc:1m.



Figura 6 – Materiais do hipogeu 14. Esc: 5 cm.

O Hipogeu 16/17 tinha um poço lateral de acesso de planta subcircular, com um Dm de 1,34m e uma profundidade conservada de 1,26m. A entrada para a câmara encontrava-se do lado sul, afetada por um abatimento antigo do teto da câmara. Ainda assim, foi possível identificar os restos das lajes, pedras e argilas que selavam a entrada, tal como acontecia nos restantes hipogeus. O poço era preenchido por dois depósitos argilosos, com nódulos de caliço, os quais forneceram escassos pequenos fragmentos de cerâmica e alguns restos líticos (lasca quartzito e núcleo de lascas em quartzito).

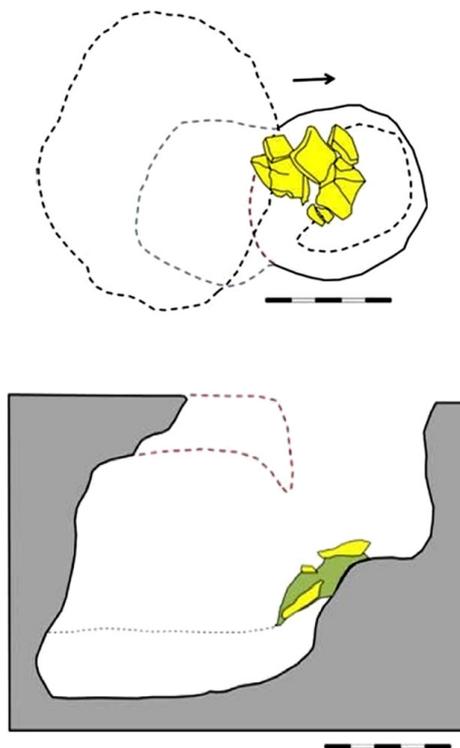


Figura 7 – Hipogeu 16/17. Planta e perfil. Amarelo: pedras de encerramento da entrada; verde: argilas de selagem. Esc:1m.



Figura 8 – Materiais do hipogeu 16/17: lâmina e lamelas; geométricos; conta em pedra verde e bracelete the *Glycimeris*, (sc. 3 cm); machados e enxó (Esc. 5 cm).

A câmara, de planta ovalada, apresentava, como se referiu, um abatimento do teto. O seu Dm era de 2,38 e a altura indeterminada, mas deveria rondar os 2,30m, sendo anormalmente alta e apresentando um desnível grande entre a sua base e a base do poço de acesso, fazendo com que a entrada ficasse a “meia altura” da cripta funerária.

Sob os abatimentos, observava-se um depósito arenoso impregnado de grandes quantidades de ocre vermelho, que se estendia por toda a câmara, cobrindo os restos osteológicos. Estes correspondiam a um ossário e algumas deposições em conexão anatômica: uma em posição fetal, com cabeça orientada a Sudeste; outra, igualmente em posição fetal, com cabeça orientada a Noroeste; uns membros inferiores; um outro indivíduo, representado por parte superior do esqueleto incompleta, eventualmente também em posição fetal e cabeça orientada a Nordeste. O espólio votivo era o mais variado, englobando geométricos, lâmina e lamelas, pedra polida, elemento de mó, percutor e elementos de adorno.

4. Os materiais votivos nos hipogeu

Relativamente aos materiais, há que distinguir os que se encontravam nos espaços funerários e associáveis ao ritual dos que se encontravam inseridos nos depósitos de encerramento. Estes últimos são escassos, e correspondem a alguns restos líticos (lascas ou restos de talhe) e alguns fragmentos muito pequenos de cerâmica manual (3 no hipogeu 4/5 e 2 no hipogeu 16/17). Trata-se, muito provavelmente, de material que vinha integrado nos sedimentos utilizados para encerrar os acessos (ou neles se integrou ocasionalmente no processo de encerramento). Apenas ocorrem nos enchimentos dos acessos de dois dos três hipogeu e a sua frequência é perfeitamente idêntica à frequência com que o mesmo tipo de materiais aparece nas fossas não funerárias deste espaço (nas que não se encontram totalmente desprovidas de restos materiais).

Pelo contrário, os materiais utilizados como oferendas votivas estão tendencialmente inteiros e correspondem a categorias tipológicas precisas. Genericamente, os pacotes artefactuais formam uma imagem muito homogênea e de grande identidade (Tabela 1).

O grupo tipológico mais representativo é o dos geométricos (quase que exclusivamente trapézios, embora existam alguns triângulos). Dois exemplares do Hipogeu 4/5 com entalhe no bordo menor, assim como alguns que preservam a substância de encabamento (Figura 9), sugerem que se tratariam de pontas de projétil de encabamento transversal, tal como já havia sido identificado na Sobreira de Cima (Dias, 2008).

Segue-se a pedra polida que, ausente no Hipogeu 4/5, ocorre com dois machados e uma enxó no Hipogeu 16/17 e com um machado e uma enxó no Hipogeu 14. Esta equivalência entre machados e enxós é algo que também se regista em alguns dos sepulcros da Sobreira de Cima (Valera, 2009; Valera, *no prelo* c).

Tabela 1 – Materiais por hipogeu.

Hipogeu	Hipogeu 4/5		Hipogeu 16/17		Hipogeu 14	
	Câmara e fecho	Poço de acesso	Câmara e fecho	Poço de acesso	Câmara e fecho	Poço de acesso
Geométricos	6	-	10	-	2	-
Lamelas	1	-	2	-	1	-
Lâminas	1	-	1	-	-	-
Pulseiras	1	-	1	-	-	-
Conta de colar	-	-	1	-	-	-
Pedra Polida	-	-	3	-	2	-
Elem. de mó	-	-	1	-	-	1
Percutores	-	1	1	-	-	-
Lascas	2	-	-	1	-	-
Resto de talhe	4	-	-	-	-	-
Núcleos	-	-	-	2	-	-
Cerâmica	-	3	-	2	-	-

As lâminas têm pouca expressão, mas estão representadas por um exemplar no Hipogeu 4/5 e por outro no Hipogeu 16/17. Já as lamelas (sempre de grande tamanho – quase pequenas lâminas – uma vez mais como na Sobreira de Cima – Carvalho, no prelo) apresentam um padrão muito curioso, já que (para além da peça recolhida junto a restos humanos na câmara do Hipogeu 16/17) existe um exemplar por hipogeu depositado sempre à entrada das passagens de acesso à câmara, por trás da estrutura de encerramento (como um último depósito votivo antes de se encerrar a entrada do monumento). Neste sentido, é interessante verificar que, no caso do hipogeu 4/5 em que se abriu uma claraboia no teto da câmara, a lâmina registada aparece precisamente no depósito coberto pelo empedrado, o qual pode ser interpretado como parte de um processo de encerramento desse acesso.

Os objetos de adorno pessoal estão representados por pulseiras feitas sobre conchas de *Glycimeris glycimeris* (no Hipogeu 1 da Sobreira de Cima são sobre marfim), uma no Hipogeu 4/5 e outra no 16/17, tendo este último fornecido igualmente uma conta de colar em pedra verde. Mais pontualmente, ocorrem um elemento de mó e um percutor ainda neste mesmo hipogeu e alguns restos líticos no interior da câmara do Hipogeu 4/5.

Note-se, com exceção dos raros e pequenos fragmentos incorporados nos depósitos de encerramento de acessos, a total ausência de cerâmica nos conjuntos votivos, facto que replica uma vez mais a situação anteriormente documentada na região na Sobreira de Cima e a de outros contextos contemporâneos de enterramentos em gruta, tanto artificiais (S. Pedro do Estoril 2, Câmara Ocidental da Praia das Maçãs) como naturais (Escoural, Algar do Santo, Lugar do Canto). Situação idêntica foi igualmente registada na câmara funerária do hipogeu do Neolítico Final da Barrada, em

Aljezur (Barradas *et al*, 2012), (onde o conjunto artefactual é, em tudo, muito semelhante aos registados no Outeiro Alto e Sobreira de Cima: pedra polida (dois machados e duas enxós), geométricos, duas lâminas e uma lamela grande e uma bracelete de *Glycimeris*). A mesma situação de ausência de cerâmica registou-se ainda no hipogeu de Pedreira de Trigaches 2 (Baptista, 2010) e nos cinco hipogeu de Vale Barrancas (Mombeja), todos integráveis neste mesmo período cronológico.



Figura 9 – Geométricos com substância de encabamento, demonstrando claramente que seriam pontas de projecteis transversais, idênticas às da Sobreira de Cima. Esc 3 cm.

Ainda relativamente aos conjuntos artefactuais, a sua associação a indivíduos não é muito clara, uma vez que os que se encontram mais diretamente conectados com restos humanos estão em situações de ossário ou sob ossário, onde as associações são praticamente impossíveis de estabelecer. Pelo contrário, parece evidente, apesar da reduzida dimensão das câmaras funerárias destes hipogeu, que existem situações de segregação espacial dos artefactos, como uma concentração lateralizada da pedra polida, mó e percutor no Hipogeu 16/17, ou a localização dos dois instrumentos de pedra polida num dos lados da entrada da câmara do Hipogeu 14, como registado, uma vez mais, nos Hipogeu 1, 2 e 5 da Sobreira de Cima.

De facto, as semelhanças com a necrópole da Sobreira de Cima, localizada apenas 20km mais a norte, são inúmeras. Nas arquiteturas, com a existência de câmaras com acesso em poço lateral. Nos encerramentos das passagens para as câmaras, com recurso a grandes lajes e enchimento dos poços com sedimentos argilosos. Aqui não se registam as deposições rituais durante o processo de encerramento que se documentaram na Sobreira de Cima (Valera, 2009; Valera, *no prelo c*), mas documenta-se um outro padrão, que corresponde à deposição de uma grande lamela em sílex imediatamente antes de se colocarem as lajes de encerramento das entradas das criptas.

Relativamente aos rituais, observa-se também aqui a constituição de ossários (presumivelmente para libertação de espaço) com as últimas deposições preservadas em posição fetal. No Hipogeu 4/5 verifica-se que o último indivíduo (o qual preserva a conexão anatómica quase integral) estava orientado com a zona da cabeça (a qual faltava) para a entrada, situação igualmente observada nos sepulcros 1 e 5 da Sobreira de Cima. Os materiais que integram os conjuntos votivos apresentam um padrão genericamente comum: dominam os geométricos (essencialmente trapézios), alguns dos quais também com vestígios das substâncias de encabamento; estão presentes lamelas grandes e lâminas (embora com menor expressão que na Sobreira), assim como pedra polida (aqui com uma expressão bem mais reduzida), mas onde uma equiparação numérica entre machados e enxós se mantém. Estão igualmente presentes elementos de adorno e repete-se a exclusão da cerâmica do conjunto de artefactos eleito para integrar as deposições funerárias. O intenso polvilhamento a ocre que se registou no Hipogeu 16/17 é uma prática igualmente observada em vários dos sepulcros da Sobreira de Cima. Finalmente, regista-se a presença de algumas falanges de ovicaprinos no Hipogeu 4/5, repetindo, uma vez mais, a particularidade ritual presente nos sepulcros 1 e 5 da Sobreira de Cima (Valera e Costa, *no prelo*).

Estamos, assim, em presença de uma mesma expressão de práticas funerárias, que apresenta aspetos que a particularizam relativamente ao megalitismo ortostático e que vão para além da simples diferença arquitetónica. Tendo em conta o conjunto de datações existente para a Sobreira de Cima, e, mais a Sul, as do hipogeu de Monte Canelas (Alcalar), estes contextos datarão da segunda metade do 4º milénio AC, atingindo eventualmente a transição para o 3º.

5. A Fossa 32

No núcleo C existe ainda, como já se referiu, uma fossa com um enterramento. Trata-se da Fossa 32 (Figura 10), localizada do lado Oeste do conjunto de estruturas e também numa posição de limite periférico relativamente a esse mesmo conjunto (Figura 2). Apresenta uma planta circular, paredes irregulares e fundo aplanado, com um DM de 1m e profundidade de 0,78m. Na base era preenchida por um sedimento argiloso, muito compactado, com características semelhantes aos que ocorrem nas restantes fossas sem restos funerários. Sobre esse depósito encontravam-se os restos incompletos e em mau estado de preservação de um indivíduo juvenil, com a cabeça do lado norte, sem qualquer espólio associado. Os restos eram cobertos por um outro depósito arqueologicamente estéril e este por um aglomerado de pedras, colocadas a modo de encerramento, entre as quais se contavam dois dormentes de granito fraturados e colocados em posição invertida, à imagem do que ocorria no encerramento do Hipogeu 14. Este encerramento pétreo foi depois sobreposto por dois depósitos argilosos e com nódulos de calíço, também arqueologicamente estéreis, numa situação em tudo paralelizável aos enchimentos dos poços de acesso dos hipogeus.

A ausência de materiais diagnóstico nesta estrutura levanta, naturalmente, dificuldades à sua atribuição cronológica, tanto mais que no núcleo B, entre os hipogeus da Idade do Bronze existem igualmente enterramentos em fossa sem materiais associados. Enquanto a questão não é resolvida através da datação direta do indivíduo (se tal for possível – já que nas séries de datações já em curso, algumas amostras revelam total falta de colagénio), resta atender às condições contextuais e estas levam-nos a considerar como bastante plausível a possibilidade de contemporaneidade entre este enterramento e os hipogeus: o facto de a fossa em questão se articular espacialmente com as restantes do Núcleo C, numa situação semelhante à dos três hipogeus; o facto dos depósitos sob a deposição humana e de encerramento da fossa serem idênticos aos das restantes fossas; o facto da estrutura pétreo que é parte do encerramento apresentar dormentes de mós colocados como no caso da estrutura de fecho da entrada do Hipogeu 14; o facto dos contextos de outras cronologias se encontrarem afastados deste núcleo; o facto de existirem paralelos para enterramentos em fossa neolíticos sem materiais associados em inúmeros contextos peninsulares: em Portugal, e no Alentejo, citem-se os casos das Fossas 7 e 11 do Sector I dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz), com inumações datadas da segunda metade do 4º e da transição para o 3º milénio AC (Valera e Silva, 2011) e a inumação em fossa da Mina das Azenhas, Brinches (Tomé, Silva e Valera, *no prelo*), coberta também por um nível de pedras e datada da segunda metade do 4º milénio (4590±30 – 3490-3200 cal BC a 2σ).

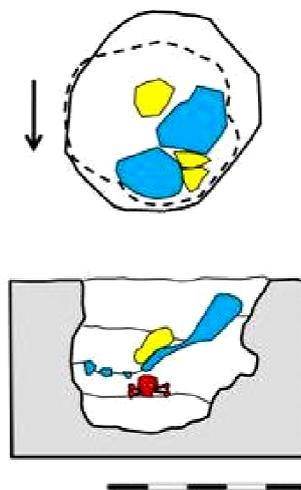


Figura 10 – Planta e corte da Fossa 32, com identificação da localização das ossadas.

6. Regressando à ideia de necrópole: um possível círculo de madeira.

Voltando à organização espacial peculiar deste aglomerado de fossas num espaço muito circunscrito sem sobreposições, com uma configuração de tendência circular e envolvido pelos quatro contextos funerários acima descritos, a questão que pretende abordar é a da sua interpretação como conjunto.

Existindo tanto espaço disponível à volta (estamos numa área aplanada alargada e na fase mais antiga da ocupação do cabeço, portanto o espaço ocupado por núcleos de estruturas mais recentes estava ainda livre), a intrigante concentração verificada será inquestionavelmente intencional e a não sobreposição de estruturas sugere mesmo que uma parte significativa delas terá funcionado em simultâneo. Com que funcionalidade?

Procurando encontrar algum padrão que pudesse sustentar hipóteses interpretativas para esta concentração, realizou-se uma tentativa de classificação tipológica das estruturas, seguida da análise da expressão espacial dessa tipificação.

Num primeiro momento, fez-se sobressair a localização dos contextos funerários relativamente ao conjunto de estruturas negativas, sublinhando-se a sua localização periférica (Figura 2) relativamente ao núcleo de maior densidade de fossas.

Em seguida, procurou-se tipificar essas fossas sem evidências funerárias através da sua dimensão, recorrendo à relação da sua abertura de boca e profundidade. Dessa relação resultou uma clara distribuição das fossas por três classes (Figuras 11 e 12): (A) Fossas pouco profundas, num número de 10, com índices de profundidade entre 12 e 16 (média de profundidade de 0,2 m); (B) Fossas intermédias, num número de 8, com índices de profundidade entre 31 e 52 (média de profundidade de 0,42 m); (C) Fossas profundas, num número de 15, com índices de profundidade entre 54 e 120 (com média de profundidade de 0,87 m). De fora ficou a Fossa 35, afetada por forte bioturpação.

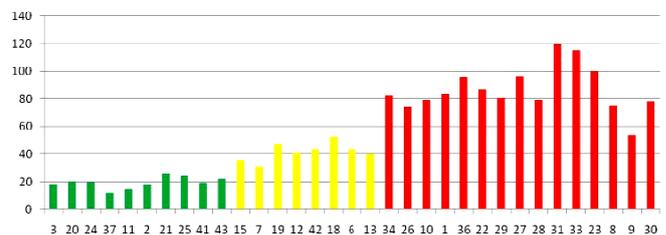
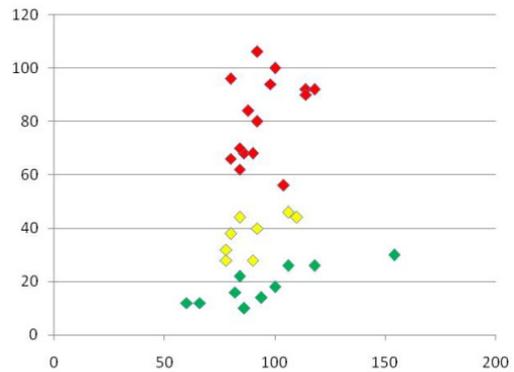


Figura 11 – Relação das aberturas de boca e profundidades das fossas não funerárias do Núcleo C (em cima); Relação dos índices de profundidade das fossas não funerárias do Núcleo C (em baixo). A distribuição permitiu uma tipificação segundo a relação abertura / profundidade: A - fossas pouco profundas (a verde); B - fossas intermédias (a amarelo); C - Fossas profundas (vermelho).

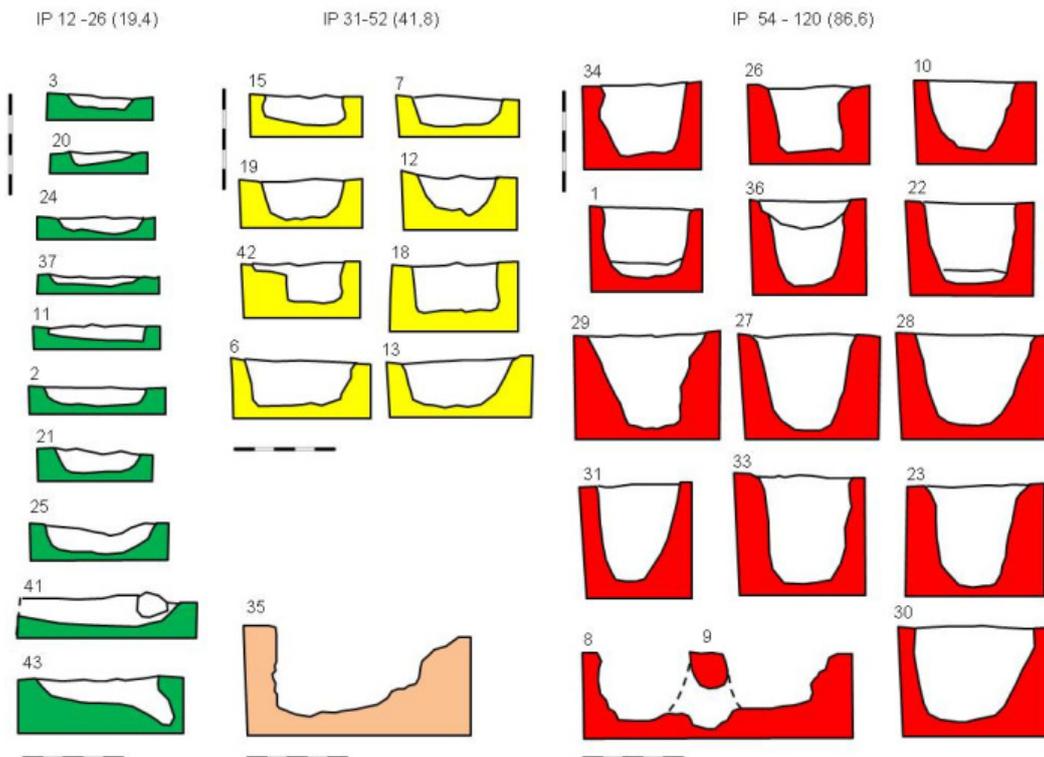


Figura 12 – Tipos de fossas para o Núcleo A e respectivos limites de classe. A - fossas pouco profundas (a verde); B - fossas intermédias (a amarelo); C - Fossas profundas (vermelho). A fossa 35 não foi contabilizada devido a forte bioturpação.

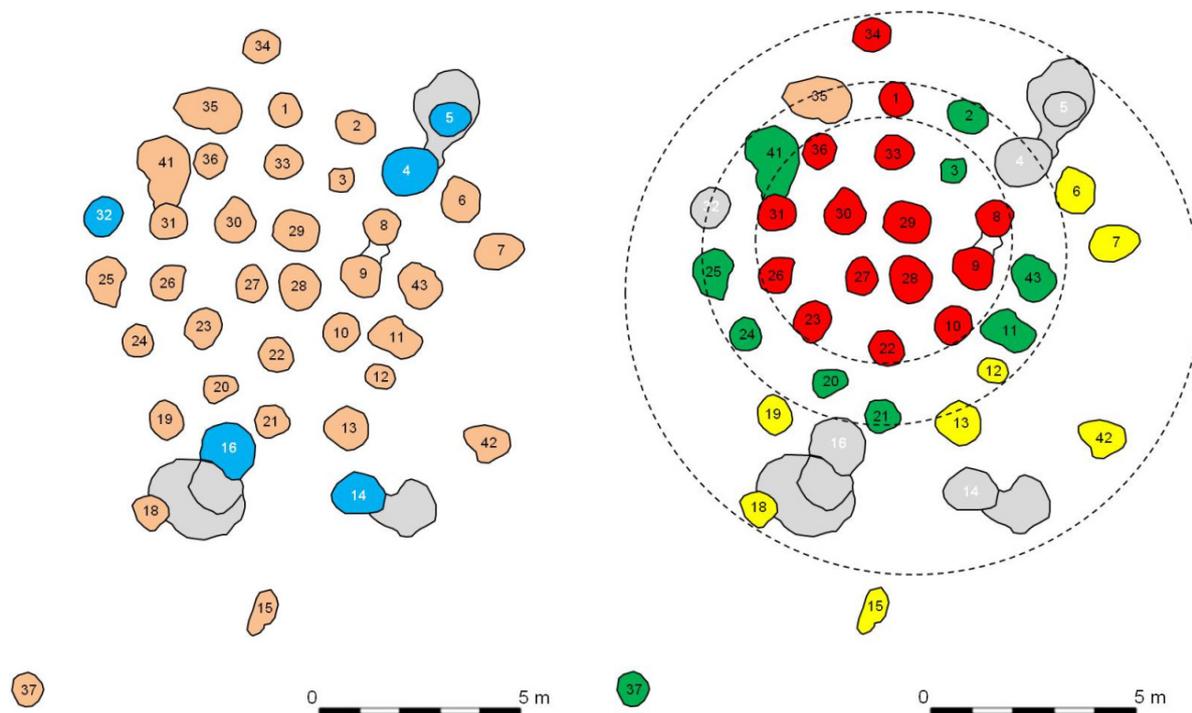


Figura 13 – Concentração de fossas apenas com diferenciação dos contextos funerários (esquerda); distribuição das fossas segundo os três tipos definidos (direita). O padrão de distribuição é evidente e dificilmente será aleatório.

Quando fazemos a correspondência entre essas classes e a sua expressão espacial na concentração de estruturas, outras padronizações emergem (Figura 13). As fossas do grupo C, as mais profundas, concentram-se ao centro, apresentando uma distribuição tendencialmente circular composta pelas fossas 8, 9, 10, 22, 23, 26, 31, 36 e 33, com quatro outras formando um quadrado ao centro (fossas 27 a 30). A este padrão fogem duas fossas deste tipo (fossas 1 e 34), que se prolongam para norte a partir da fossa 33, uma das extremidades deste aparente círculo. A coerência desta distribuição ganha ainda mais relevância quando verificamos que as fossas pouco profundas (tipo A) se distribuem praticamente todas (com exceção da 37, que é uma das que se encontra isolada desta concentração) em redor das fossas de tipo C e que parecem agrupar-se aos pares. Por outro lado, as fossas de tipo B distribuem-se na periferia destas e apenas nos quadrantes Este e sul.

Esta padronização não se apresenta como o resultado de um acaso e tem inequívoco significado, demonstrando que os diferentes tipos de fossas corresponderão a funcionalidades diferentes, mas integradas e relacionadas numa mesma organização arquitetónica do espaço e que a sua concentração não é o resultado de um somatório caótico de estruturas abertas em diferentes momentos.

A hipótese que aqui se sugere é a de que esta concentração de estruturas em fossa esteja relacionada com um pequeno recinto de postes de madeira implantados nas fossas mais profundas (e eventualmente envolvido por elementos pétreos verticalizados) de tipo *wood henge*. São vários os elementos que concorrem para esta possibilidade:

- a) a distribuição espacial muito bem padronizada dos diferentes tipos de fossas identificados;
- b) desenho circular central das fossas de tipo C;
- c) a morfologia das fossas de tipo C (perfis subcilíndricos ou sub-trapezoidais), com larguras e profundidades médias compatíveis com o que se conhece na Europa para o encaixe de troncos de árvore com que se formam este tipo de monumentos;
- d) o facto de, em recentes prospeções geofísicas realizadas no sítio de Moreiros 2, se terem documentados encaixes de postes de paliçadas e estruturas circulares com dimensões de boca semelhantes, demonstrando que esta prática também ocorre no sul de Portugal (Figura 14);
- e) o facto de estarem preenchidas quase sempre apenas por um depósito. Em apenas três

- casos existem dois depósitos, sendo que dois desses casos correspondem a finos depósitos no fundo das fossas e no terceiro caso se tratar de um igualmente fino depósito que preenche o que parece ser uma ligeira reabertura da fossa posterior à sua colmatagem primária;
- f) o facto dos enchimentos destas estruturas em geral se apresentarem estéreis no que respeita a materiais (das 34, 21 não forneceram qualquer espécie de material arqueológico – 62%) e nas que forneceram algum material, este ser sempre muito escasso (sempre entre uma a três unidades) e sempre de reduzidíssimas dimensões (tanto nos fragmentos cerâmicos, como nos líticos, talvez com exceção de um núcleo de quartzito);
 - g) o facto de vários dos enchimentos apresentarem algumas pedras de médias dimensões, quer locais quer exógenas – como o granito -, as quais poderão ter funcionado como calços dos postes;
 - h) o facto de as fossas não funerárias dos outros núcleos do Outeiro Alto 2 apresentarem geralmente enchimentos com bastantes materiais arqueológicos;
 - i) o facto de o desenho formado pelas fossas que poderão corresponder ao encaixe dos postes de madeira encontrar paralelos no mundo anglo-saxónico, onde estas estruturas são mais bem conhecidas: pequenos círculos de postes de madeira, com um quadro interior formado por quatro postes (Figura 14);
 - j) finalmente o facto de este tipo de estruturas estar por vezes associado a espaços funerários que se desenvolvem no seu interior ou na sua periferia, como parece evidente que acontece no Núcleo C do Outeiro Alto 2.

Assim, este núcleo de fossas poderá corresponder às fundações de uma estrutura de tipo *círculo de madeira*, eventualmente também a monólitos de pedra (círculo de fossas pouco profundas) formando, em conjunto com as estruturas funerárias, um espaço de práticas ritualizadas que se inscreve num quadro ideológico pan-europeu, do qual os recintos de fossos e o megalitismo ortostático são igualmente exemplos de larga abrangência espacial.

7. Concluindo

A importância deste contexto funerário, cuja hipótese interpretativa estrutural deverá motivar o aprofundamento da investigação em contextos similares, reside em parte no facto de poder apresentar pela primeira vez argumentos para o reconhecimento de uma arquitetura monumental em madeira associada a contextos funerários em hipogeu e fossa no sul de Portugal, permitindo sublinhar que há toda uma tradição de construção em madeira nesta época que

estará ainda por identificar e compreender em toda a sua dimensão e expressão.

Trata-se, antes de mais, de uma situação que alerta para o carácter imprescindível das leituras em área. Cortada por uma vala e trabalhada apenas nos limites dessa mesma vala, esta composição estrutural passaria completamente despercebida. De facto, podemos perguntar-nos quantas estruturas similares tipo fossa intervencionadas ao longo de estreitas valas poderão ser partes integrantes de estruturas positivas em madeira (ver magnetograma de Moreiros 2 – Figura 14).

Por outro lado, é mais um exemplo da inadequação (que teima em manter-se) de catalogar, de forma imediatista e precipitada, todas as fossas como silos, frequentemente mesmo antes de serem escavadas e sem olhar à sua distribuição e organização espacial.

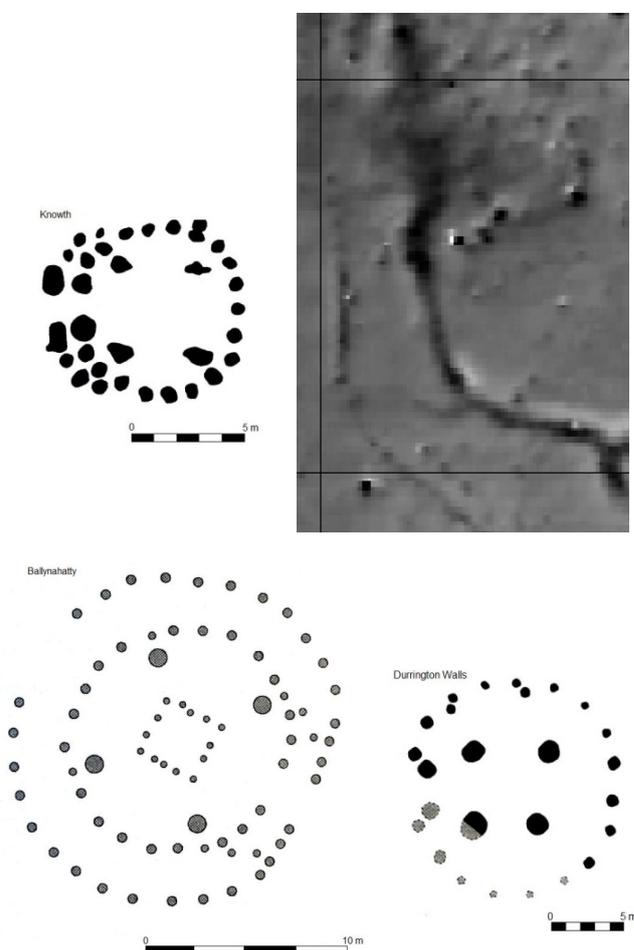


Figura 14 – Excerto do magnetograma de Moreiros 2 (Becker, Valera e Boaventura, 2011), sendo visível (pelo menos) uma estrutura circular de prováveis postes de grandes dimensões e uma das paliçadas, onde se observam as sequências de fossas de implantação dos postes; plantas de possíveis paralelos britânicos para a situação (Knowth, Ballynahatty e Durrington Walls – Bradley, 2007).

Relativamente aos contextos funerários propriamente ditos, estes vêm reforçar a imagem que tem vindo a ser construída nos últimos anos no interior sul do país, a qual revela uma longa tradição de enterramento em estruturas negativas, sejam elas simples fossas ou hipogeus, terminando de vez que a ideia de que se tratavam de soluções arquitetónicas funerárias exclusivas das fachadas litorais do Algarve e Estremadura no que ao território português diz respeito.

Por outro lado, é hoje evidente a vinculação, em termos cronológicos, da origem da construção de hipogeus com câmara subterrânea e poço ou corredor de acesso à segunda metade do 4º / transição para o 3º milénio AC e ao Neolítico Final. No que ao interior alentejano respeita, aí podemos integrar as necrópoles do Outeiro Alto 2 (Serpa) e Sobreira de Cima (Vidigueira) (Valera, Soares e Coelho, 2008), mas também a necrópole de Vale de Barrancas 1 (Beja) (Tiago Nunes, informação pessoal) ou o hipogeu da Pedreira de Trigaches 2 (Baptista, 2010).

Contemporaneamente, verificam-se deposições funerárias em fossa simples (praticamente sem material votivo associado), como demonstram as datações obtidas para as fossas 7 e 11 do Sector I dos Perdigões (Valera e Silva, 2011) em Reguengos de Monsaraz, a datação da fossa 1 da Mina das Azenhas em Brinches (Tomé, Silva e Valera, *no prelo*) e, possivelmente, a fossa 32 do núcleo C do Outeiro Alto 2. Contudo, esta prática parece ser mais antiga na região, como sugere a recente datação de um enterramento em fossa sem espólio associado, referenciado no 2º/3º quartel do 4º milénio AC (Baptista *et al*, *no prelo*).

Da mesma forma, é hoje igualmente evidente que a tradição de deposição funerária em hipogeu no interior alentejano é algo que se prolonga no tempo. Durante o Calcolítico, no distrito de Beja, os hipogeus de fundação calcolítica convivem com a construção de *tholoi*, como documentam as situações conhecidas no Carrascal 2 (necrópole periférica ao Porto Torrão com vários hipogeus documentados – Valera, 2010), ou o hipogeu de Cortes 2 (Valera *et al*. *no prelo*), com datação do 3º milénio AC (4050±30 – 2830-2490 cal BC a 2σ – Tomé, Silva e Valera, *no prelo*), localizado numa área (Brinches) onde também se vai identificando a presença de monumentos de falsa cúpula (Robles Henriques *et al*. *no prelo*).

Mas os últimos anos têm demonstrado que esta tradição de tumulação em fossa e hipogeu se prolonga pela Idade do Bronze, onde se tem vindo a revelar predominante em muitas áreas (como em Brinches ou Beringel), apresentando hipogeus de tipologias mais diversificadas (como acontece no núcleo B do próprio Outeiro Alto – Valera e Filipe, 2010; Filipe *et al*, *no prelo*), e convivendo regionalmente com as necrópoles de cistas e algumas reutilizações de monumentos megalíticos (concretamente na área de Serpa).

Porém, e ao contrário do que parece acontecer com hipogeus da Estremadura, a esta longa tradição não parece corresponder a prática recorrente de reutilização no Calcolítico ou na Idade do Bronze de hipogeus mais antigos. De facto, e até ao momento, não foi dado a conhecer

nenhum contexto que claramente evidencie essa situação, embora uma datação para o Sepulcro 5 da Sobreira de Cima possa levantar essa hipótese para aquele monumento em concreto. De um modo geral, os hipogeus alentejanos do Neolítico Final (5 na Sobreira de Cima, 3 no Carrascal, 5 em Vale de Barrancas, 1 em Trigaches) apresentam contextos muito homogéneos, onde se não vislumbram reutilizações mais tardias (ao contrário do que acontece na Estremadura, por exemplo).

Mas se não existem reutilizações tardias dos sepulcros, existem reutilizações tardias destes espaços de necrópole, nomeadamente na Idade do Bronze, onde, junto aos sepulcros neolíticos (como em Vale de Barrancas) ou em núcleos autónomos próximos (como no Outeiro Alto 2) se constroem novos hipogeus.

Esta situação revela que o desempenho social destas necrópoles se prolonga muito para além do seu contexto social de origem e se constituem como elementos prévios de uma paisagem significativa e que interferem ativamente na construção das paisagens e nas organizações do espaço mais tardias, gerando locais de forte carga simbólica e catalisadora. Esta foi uma das imagens já proposta para interpretar, precisamente, a sucessão de ocupações registada no Outeiro Alto 2 (Valera e Filipe, 2010).

Neste contexto convém voltar à possibilidade de uma estrutura positiva associada aos hipogeus neolíticos do Outeiro Alto 2. Se um monumento megalítico é um marco com visibilidade no terreno que se prolonga no tempo (frequentemente até aos dias de hoje), facilitando e incentivando a manutenção de um papel social ativo (mesmo que com significados e utilizações distintas), as estruturas negativas tipo hipogeu ou fossa são caracterizadas por grande invisibilidade. Essa invisibilidade poderá, inclusivamente, justificar que não seja frequente a reutilização de sepulcros. Mas a constante reutilização destes espaços de necrópole em muitos sítios revela que, apesar de tudo, eles se mantêm socialmente ativos, ou seja, que se mantêm de facto *visíveis*.

Ora esta “visibilidade” pode decorrer de uma tradição de conhecimento (e elas podem ter extraordinária profundidade no tempo, mesmo que permanentemente presentificadas nos seus sentidos), associada ou não a elementos morfológicos da paisagem (como um outeiro ou um vale). Mas pode igualmente estar relacionada com a existência de estruturas positivas (ou dos seus vestígios) que estariam associadas a estas sepulturas em negativo e que marcariam alguns destes locais, dotando-os efetivamente de elementos físicos reconhecíveis e identificadores.

De facto, esta situação já havia sido detetada na Sobreira de Cima (Valera, 2009; Valera, *no prelo*) onde uma série de estelas de diferentes tamanhos foram registadas associadas a alguns dos sepulcros e espalhadas pela superfície, revelando (como no caso do corredor de acesso do Sepulcro 5) que existiriam elementos estruturais de pedra em positivo que seriam reconhecíveis a certa distância. A situação agora

argumentada para o Núcleo C do Outeiro Alto 2 poderá corresponder igualmente a uma situação de demarcação monumental em positivo dos sepulcros, podendo essa estrutura em positivo não ser uma simples sinalização, mas fazer parte integrante do espaço cénico em que decorreriam os rituais funerários.

As circunstâncias destes terrenos na atualidade (solos pouco profundos, frequentemente submetidos a intensa atividade agrícola ao longo dos tempos) não são propícios à preservação de vestígios destas possíveis (diríamos prováveis) estruturas positivas associadas, mesmo das que seriam em pedra. Porém, exemplos como os da Sobreira de Cima e do Outeiro Alto 2 deverão servir como alerta para as evidências, para os mais ou menos ténues sinais, que nos poderão indiciar a sua presença.

Outra questão que decorre da expressão que as arquiteturas funerárias em negativo têm adquirido no interior alentejano diz respeito à relação com o megalitismo funerário ortostático, até há pouco considerado a expressão única da arquitetura funerária do Neolítico na região.

Como tem sido salientado (Valera, *no prelo b*), esta nova realidade funerária introduz uma significativa variabilidade nas práticas funerárias do final do Neolítico, diversidade essa que se manifesta não apenas ao nível das arquiteturas, mas igualmente no que respeita a aspetos concretos do ritual.

Ao nível dos conjuntos artefactuais votivos, enquanto os enterramentos em fossa conhecidos para este momento se caracterizam quase na totalidade por ausências (apenas temos a presença de patas de suídeo nas fossas dos Perdígões), os hipogeus tendem a apresentar conjuntos caracterizados pela presença de lâminas e lamelas grandes, geométricos (alguns possivelmente ainda montados como projéteis), machados e enxós, punções em osso e alguns elementos de adorno (contas de pedra verde, pulseiras em Glycimeris, marfim ou calcário) e o uso abundante de ocre. Ausentes estão elementos comuns nos contextos megalíticos tradicionalmente atribuíveis ao Neolítico Final, nomeadamente a cerâmica e as placas de xisto

Outro aspeto particularizador está relacionado com os rituais de encerramento, onde a deposição de esboços de anfibólito na Sobreira de Cima e de lamelas grandes no Outeiro Alto 2 se apresentam como práticas bem definidas. Ou ainda o papel concedido no protocolo funerário às falanges de jovens ovicaprinos, assim como aspetos específicos relativamente ao número, deposição e tratamento concedido dos cadáveres (como, por exemplo, a orientação das cabeças às entradas ou a segmentação de corpos). Estes últimos aspetos são contudo mais difíceis de valorar numa comparação com os contextos megalíticos, não só porque são raras as situações em que estes últimos não se encontram perturbados (uma vez mais a visibilidade megalítica potencia biografias diferentes entre megálitos e fossas e hipogeus), mas essencialmente porque a preservação de restos osteológicos não é sequer comparável, baseando-se o discurso relativo a indivíduos e

deposições de corpos em especulações e estimativas, frequentemente realizadas a partir de conjuntos artefactuais eles próprios difíceis de seriar cronologicamente. A extensa informação antropológica e demográfica que resultará dos vários estudos em curso relativamente a restos humanos provenientes de fossas e hipogeus não terá, assim, o seu contraponto do lado do megalitismo funerário ortostático.

Todavia, independentemente destas dificuldades, e mesmo estando muita da informação proveniente das estruturas em negativo ainda em processo de obtenção e tratamento, parece hoje evidente que as práticas funerárias durante o Neolítico Final no interior alentejano se caracterizam por uma significativa diversidade na arquitetura e nas prescrições rituais, a qual tende a aumentar durante o 3º milénio AC (Valera, *no prelo a*; *no prelo b*).

Por outro lado, igualmente interessante para avaliar essa diversidade é a relação espacial que, de momento, pode ser percebida entre estas duas soluções arquitetónicas e rituais associados. Tendo em conta a informação atualmente disponível (e, como os últimos anos têm evidenciado, tudo pode de repente mudar), a Serra de Portel, que separa as peneplâncies de Beja e Évora, parece constituir-se como uma fronteira norte / sul. Ela corresponde ao limite sul da grande mancha megalítica dos distritos de Évora e Portalegre e, até ver, ao limite norte da solução hipogeu. A Sobreira de Cima, localizada precisamente nos contrafortes sul da serra, constitui-se como o conjunto de hipogeus conhecidos mais a norte do interior alentejano, numa zona onde se entrecruza com alguns dos monumentos megalíticos mais a sul do grupo de Portel/Amieira. (dois deles a escassos 100/200 metros da necrópole de hipogeus). Um limite oriental pode ser encontrado na zona de Ficalho/Serra de Serpa.

Teríamos assim, uma expressão essencialmente dolménica para os distritos de Évora e Portalegre e uma solução essencialmente em estruturas negativas para o distrito de Beja (Valera et al, *no prelo*). Esta situação poderia ser entendida como resultado de tradições distintas, nomeadamente de uma maior influência andaluza no Baixo Alentejo (embora com uma região de permeio – Ficalho/Serpa e serras de Huelva – com forte tradição megalítica), associada, por exemplo, a uma menor disponibilidade de pedra (que caracteriza muitas zonas de caliços e de barros).

Devemos, contudo, ser prudentes nesta fase em que se procura dar algum sentido a uma catadupa de novos dados que vão ficando progressivamente disponíveis (ainda que de forma demasiado lenta, sobretudo porque o estudo e a divulgação parecem não conseguir acompanhar os ritmos de descoberta). Se esta é a imagem sugerida e se ela parece fazer algum sentido de momento, duas circunstâncias (pelo menos) têm que ser mantidas em mente.

Primeiro, continuamos com um *deficit* de informação sobre contextos não funerários para o Neolítico Final do distrito de Beja. Sabemos da existência de recintos dessa cronologia no Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004; Valera, 2006), mas

desconhecemos ainda a sua dimensão, morfologia, estruturas associadas (nomeadamente funerárias). No restante, a informação disponível resume-se a alguns sítios com fossas. Todavia, o número crescente de recintos de fossos identificados na região faz prever que muitos possam vir a documentar contextos neolíticos (como acontece no distrito de Évora), permitindo perceber se esta aparente diferenciação ao nível do funerário se estende ou não a outras dimensões da vida social, reforçando ou fragilizando a ideia de tradições locais dentro de uma certa unidade de escala regional.

Segundo, também no distrito de Évora têm vindo a ser documentados extensos sítios com fossas, nomeadamente associadas a recintos de fossos. Ou seja, a construção de estruturas negativas é também frequente a norte da Serra de Portel e, para já, são conhecidas duas fossas funerárias datadas no Neolítico Final nos Perdigões. Nada impede, pois, que num futuro próximo se venham também a documentar sepulcros de tipo hipogeu nesta zona.

De facto, tentar ir além da descrição num momento de acelerada mudança da informação disponível é sempre um risco. Porém, para além de ser mais interessante, é também importante. Isto porque “descobrir” é dotar algo de sentido, ou seja, é sempre feito num contexto interpretativo e problematizante, que gera questionários que nos orientam nesse processo de descoberta.

Referências Bibliográficas

- BAPTISTA, Lídia. (2010), “The Late Prehistory of the watershed of Ribeiras of Pisão and Álamo, South Portugal: a research programme”, *Journal of Iberian Archaeology*, Vol. 13, Porto, ADECAP, p.69-84.
- BAPTISTA, L., OLIVEIRA, L. e SOARES (no prelo), “A construção da paisagem nas bacias das ribeiras do Álamo e do Pisão nos IIIº e IIº milénios a.C.”, Comunicação apresentada ao VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Villafranca de los Barros, Outubro de 2012.
- BARRADAS, Elisabete, SILVÉRIO, Silvana e SILVA, Mª João Dias da (2012), “O Hipogeu da Barrada (Aljezur). Resultados preliminares da campanha de 2011”, Comunicação apresentada à Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- BECKER, H., VALERA, A.C e BOAVENTURA, R. (2011), “Moreiros 2 (Arronches, Évora). Magnetometry of a complex ditched and palisad enclosure”, poster presented to IX Iberian Congress of Archaeometry, Lisbon, 2011.
- BRADLEY, Richard, *Prehistory of Britain and Ireland*, Cambridge World Archaeology.
- CARVALHO, António F. (no prelo), “Estudo do espólio funerário em pedra lascada da necrópole de hipogeus neolíticos de Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja)”, (Valera, A.C. coord.), *Sobreira de Cima. Necrópole de Hipogeus do Neolítico Final (Vidigueira, Beja)*, Apontamentos de Arqueologia e Património, Vol. Extra 1, Lisboa.
- DIAS, Mª Isabel (2008), “Estudo composicional da matéria envolvente aos geométricos da necrópole neolítica da Sobreira de Cima (Vidigueira)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 1, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, p.13-14.
- FILIFE, V., GODINHO, R. e GRANJA, R. (no prelo), “Espaços funerários da Idade do Bronze no Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa, Portugal): a necrópole de hipogeus”, *Zephyrus*, Salamanca.
- ROBLES HENRIQUES, F.J., Soares, A.M., ANTÓNIO T.F., CURATE, F., VALÉRIO, P. e ROSA, S.P. (no prelo), “O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) – construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias”, Comunicação apresentada ao VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Villafranca de los Barros, Outubro de 2012.
- TOMÉ, T., SILVA, A. e VALERA, A.C. (no prelo), “Práticas funerárias na Pré-História Recente do Baixo Alentejo – Dados preliminares de um conjunto de inumações na região de Brinches, Serpa”, Comunicação apresentada ao VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Villafranca de los Barros, Outubro de 2012.
- VALERA, António Carlos, (2006), “A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão, dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC”, *Era Arqueologia*, 7, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, p.136-210.
- VALERA, António Carlos (2009), “Estratégias de identificação e recursos geológicos: o anfíbolito e a necrópole da Sobreira de Cima, Vidigueira”, (A.S. Bettencourt e L. Bacelar Alves, eds.), *Dos montes, das pedras, e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*, CITCEM/APEQ, p.25-36.
- VALERA, António Carlos (2010), “Gestão da morte no 3º milénio AC no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade”, Apontamentos de Arqueologia e Património, 5, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, p. 57-62.
- VALERA, António Carlos (no prelo a), “Late Neolithic and Chalcolithic in South Portugal: aspects of the new agenda”, (Michael Kunst, Roland Gauß, Martin Bartelheim eds.), *Vom Erz zum Kupferartefakt. Metallurgie des 3. Jahrtausends in Zambujal und im Südwesten der Iberischen Halbinsel*, DAI, Madrid.
- VALERA, A.C. (no prelo b), “Ditches, pits and hypogea: new data and new problems in South Portugal Late Neolithic and Chalcolithic funerary practices”, (no prelo), (Gibaja, J.F; Carvalho, A.F. & Chambom, P. Eds.) *Funerary practices from the Mesolithic to the Chalcolithic of the Northwest Mediterranean*, British Archaeological Reports.
- VALERA, A.C. coord. (no prelo c), *Sobreira de Cima. Necrópole de Hipogeus do Neolítico Final (Vidigueira, Beja)*, Apontamentos de Arqueologia e Património, Volume Extra 1, Lisboa.
- VALERA, A.C. e COSTA, C. (no prelo), “Uma particularidade ritual: a associação de falanges de ovicaprinus ea falanges humanas nos sepulcros da Sobreira de Cima”, (Valera, A.C. coord.), *Sobreira de Cima. Necrópole de Hipogeus do Neolítico Final (Vidigueira, Beja)*, Apontamentos de Arqueologia e Património, Vol. Extra 1, Lisboa.
- VALERA, A. C. e FILIFE, I. (2004), “O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular”, *Era Arqueologia*, 6, Lisboa, ERA Arqueologia/Colibri, p.28-61.
- VALERA, A. C. e FILIFE, V. (2010), “Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze”, Apontamentos de Arqueologia e Património, 5, Lisboa, NIA-ERA, p. 49-56.
- VALERA, A.C., GODINHO, R., CALVO, E., MORO Berraquero, J., FILIFE, V. e SANTOS, H. (no prelo), “Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa)”, *Actas do 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva*, Beja (2010)
- VALERA, A. C. e SILVA, A. M. (2011), “Datações de radiocarbono para os Perdigões (1): contextos com restos humanos nos Sectores I e Q”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 7, Lisboa, NIA-ERA, p.7-14.
- VALERA, A.C., SOARES, A.M. e COELHO, M. (2008), “Preimeiras datas de radiocarbono para a necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 2, Lisboa, NIA-ERA Arqueologia, p.27-30.